

O TERMISUL E SEU PERCURSO HISTÓRICO: VINTE ANOS DE REFLEXÕES E REALIZAÇÕES

Maria da Graça Krieger*

Resumen: *Este texto retrata el recorrido histórico de formación (1991) y de consolidación del Grupo Termisul. Es una narrativa, no exenta de subjetividad, pero que busca la objetividad, al destacar los principales temas de reflexión del grupo, que acompañan el cambio de paradigmas de la Terminología. Tales temas están expresados en varias publicaciones y trabajos de postgrado. El grupo se destacó por la publicación de glosarios y diccionarios terminológicos, estableciendo principios metodológicos a la luz de reflexiones sobre la naturaleza y los comportamientos terminológicos. Se subrayan otras realizaciones como el carácter pionero en la informatización de los trabajos del grupo, así como su rol en la introducción formal de estudios terminológicos en el medio académico.*

Palavras-clave: *terminología, terminografía, Mercosur; recursos tecnológicos, informatización, definición terminológica, fraseología especializada, neologismo.*

Contar a história do Termisul não é uma tarefa isenta de subjetividade, seja em razão do meu envolvimento pessoal com a formação do grupo, seja pelo orgulhoso reconhecimento do trabalho de um grupo que entendeu e tem cumprido uma missão de investigação e de tratamento das terminologias com muitos resultados positivos. Mas, não restrito a uma pesquisa específica, o Termisul tem uma atuação em formação de recursos humanos, em publicações nacionais e internacionais, no uso pioneiro de recursos informatizados no tratamento da linguagem natural, entre tantas outras faces de estudos e práticas sobre uma área até então nova. Há, portanto, muita história a contar sobre a atuação desse grupo, que começou a se formar no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1990, consolidando-se em 1991, e que agora completa 20 anos de realizações.

Como este texto tem traços de subjetividade, dada minha participação na origem do Termisul e, por isso, a responsabilidade que me coube de descrever um pouco dessa história, intentarei contá-la não só em fatos, mas mesclando-a com pensamentos que marcam a própria história da Terminologia, enquanto área de estudos. Essa mescla me permite um alicerce de objetividade e ainda possibilita justificar que só posso contar uma parte dessa história, já que, como um caminho natural das idades e das fases da vida, não integro mais o Termisul desde 2005.

A história inicial vem desde 1990, quando a UFRGS, através da Pró-Reitoria de Extensão, constituiu um grupo de professores interessados em propor e realizar atividades de extensão e de pesquisa, com a finalidade de contribuir para melhor operacionalização e consolidação do Mercosul, cuja formalização ocorreria em 1991. O reconhecimento de necessidades de produtos lexicográficos especializados levou a Reitoria da UFRGS ao Instituto de Letras, convocando o nome de quem pesquisava Lexicografia, bem como o de professores de línguas estrangeiras, em especial, espanhol e inglês. A razão de meu nome estava justamente no fato de ser pesquisadora em Lexicografia e professora de língua portuguesa, e o de Anna Maria Becker Maciel e Sonia

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora titular aposentada de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fundadora do Projeto Termisul e coordenadora de 1991 a 2005.

Gehring, por serem professoras de inglês instrumental. Nesse início, estavam Maria Lucia Machado de Lorenci, professora de espanhol e Teresinha de Oliveira Fávero, minha colega do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, convidada a participar para reforçar o “português”.

Não esqueço que o chamamento ocorreu em torno de uma “simples solicitação”: “fazer um dicionário de economia para o Mercosul em português, com termos em espanhol e inglês”. Há sempre a repetida ideia de que fazer um dicionário é uma atividade meramente compilatória. Todavia, mais importante de tudo, é que esse fato ocasionou nosso envolvimento com a Terminologia, uma área de estudos e de práticas ainda muito nova no Brasil e mesmo no mundo, especialmente no início dos anos 90 do século passado.

Por outro lado, tal realidade evidencia, de modo concreto, que a Terminologia aplicada, vale dizer, concretizada em bancos de dados, em produtos terminográficos, entre outras possibilidades, responde a uma necessidade social, bem como facilita as condições de comunicação em contextos bi ou multilíngues. Dessa forma, criar as condições para recuperar e divulgar a informação significava também promover o potencial produtivo e científico dos novos contextos geopolíticos do mundo globalizado. No caso do Mercosul, o acesso ao léxico terminológico, bem como a divulgação de produtos e serviços, conforme era pretendido em primeiro plano, assume valor estratégico. A nova ordem mundial de alargamento das fronteiras nacionais, a qual emergiu por volta de 1990, permitiu também salientar o relevante papel que cumpre a organização e divulgação das terminologias técnico-científicas nos processos de integração e de trocas científicas e comerciais.

Na realidade, desde o início, entendemos que é uma das missões da universidade estabelecer relações com o *extra-muri* universitário e socializar o conhecimento; nesse caso, atentando à carência de dicionários terminológicos multilíngues. Apesar dessa compreensão, também pontuamos que nossos campos de atuação não eram especificamente a Terminologia. De fato, era fator concreto a falta de experiência com a prática dicionarística, fosse ela geral ou especializada. Não obstante, aceitamos o desafio, concedendo-nos a liberdade de fazer as escolhas que achássemos adequadas e possíveis na elaboração de um primeiro dicionário terminológico. Mais ainda, nos propusemos a elaborar um dicionário com base e a partir de reflexões que considerassem a natureza dos léxicos especializados.

Aceitar um desafio tem também motivações subjetivas; de minha parte, posso dizer que tal aceitação estava vinculada à paixão pelo reconhecimento dos usos e sentidos das palavras, concretizada tanto pela pesquisa voltada ao universo dos dicionários, como pelos estudos dos textos e dos discursos, lugares que engendram as unidades léxicas em significação, segundo a perspectiva semiótica em que me formei. Compete à lexicografia a condensação sistematizada dos vários modos e matizes de colocação em vida das palavras e dos termos para que, codificadas em verbetes de dicionários, possam servir de referência às comunidades linguísticas.

Ouso também dizer que Anna Maria Becker Maciel, parceira de todo nosso percurso, sempre soube da importância do termo nas comunicações especializadas. Sua experiência com o ensino e os estudos chamados de *Language for Specific Purposes* (LSP) a motivavam a trabalhar com terminologia. Essa motivação esteve constantemente traduzida por sua extrema dedicação e competência ao ensino de inglês instrumental e pela maneira como nos ajudou a encontrar o “mapa da mina”, facilitando-nos o difícil caminho de trilhar o desconhecido.

Além de orientar a busca de referências bibliográficas básicas sobre Terminologia, Anna Maria conduziu o Termisul pelos caminhos da Informática. Exemplarmente inovadora no uso de recursos tecnológicos, foi a mestre criadora e a responsável pela constituição e gerenciamento de nossa base de dados terminológicos. Com isso, Anna Maria acentuou seu gosto pelas proposições sobre o Processamento da Linguagem Natural, bem como do instigante objeto de investigação que privilegiou: o termo jurídico. Anna ainda reuniu os dois lados do seu gosto em sua tese de doutoramento, jamais deixando a responsabilidade com a pesquisa dos equivalentes em inglês para os termos que integram as nomenclaturas de nossos trabalhos terminográficos.

Sem avançar nas especificidades das motivações, percebo que o tiro foi certo na mente e nos corações dos membros fundadores do Termisul, bem como dos novos componentes do

grupo, que foi se consolidando no gosto e na disposição de reunir esforços e competências para desvendar a Terminologia e os métodos de elaborar dicionários temáticos. Para dar conta dessa experiência primeira, nos pautamos pelo princípio de que fazer pesquisa é estabelecer bases teóricas e metodológicas, o que pressupõe estudos, discussões e proposições em torno de um projeto comum. Mais ainda, em torno de uma matéria que era preciso conhecer, em razão de ser nova e marcadamente limitada a regramentos prescritivos de tratamento de termos.

Na contraface da simples aceitação do já determinado, as inquietações teóricas se sucediam tanto em relação à própria Terminologia, quanto a problemas levantados pela tradução, o que redimensionou a abrangência da pesquisa. Desse avanço, limito-me agora a relembrar que a ampliação de interesses e necessidades de investigação foi paralela à renovação natural dos grupos de trabalho. Nesse dinamismo, agregaram-se a nós jovens estudantes de Pós-Graduação, como ocorreu com Maria José Bocorny Finatto, recebedora de bolsa recém-mestre da FAPERGS (1993). Sob minha orientação, propus que viesse a pesquisar a respeito da definição terminológica, enunciado por nós ainda desconhecido. Com a determinação que lhe é própria, Maria José perseguiu o tema que acabou se tornando o foco maior de sua tese de doutoramento. A inserção definitiva no grupo veio mais tarde, quando aprovada em concurso de ingresso na UFRGS (1995). Pouco após, assumiu o trabalho da língua alemã no Termisul.

Na mesma trilha de renovação, inscreve-se a participação da jovem professora de espanhol Cleci Regina Bevilacqua (1991). De envolvimento marcante com os projetos do Termisul, Cleci, com sua visão de tradutora, “plantou” entre nós o tema da fraseologia especializada, elemento constitutivo dos textos especializados. Trata-se de estrutura linguística e pragmática, cujo conhecimento é de vital importância para a boa prática tradutória. A fraseologia especializada, tema da paixão de Cleci, foi também a temática principal de sua dissertação de mestrado na UFRGS e, mais tarde, no seu doutoramento em Barcelona, na Universidade Pompeu Fabra, realizado sob a orientação de Maria Teresa Cabré (2004).

A qualificação do Termisul ficou revigorada com a inclusão de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (1999), também jovem, professora de francês e já experimentada tradutora. Grandes questões de equivalência tradutória português-francês, junto à problemática dos neologismos, sintetizam os focos investigativos de Patrícia. Seu carinho – com e pelas questões tradutórias no Termisul e na sua prática profissional –, a motivaram para o importante doutoramento sobre regras e mecanismos de construção de neologismos na complexa linguagem de Jacques Lacan, concluído em 2007.

Todas as questões de nossos projetos, e refiro-me aqui às três obras de referência que publicamos – o *Dicionário de Direito Ambiental: terminologia das leis do meio ambiente* (1998, 2008), o *Glossário Multilíngue de Direito Ambiental Internacional: terminologia dos Tratados* (2004) e o *Glossário de Gestão Ambiental* (2006) – foram debatidas sempre. Assim fizemos ao longo de muitos anos, com reuniões semanais de “colocação” na mesa dos problemas que enfrentávamos.

Foi da experiência de elaboração dessas obras, bem como das reflexões sobre o seu fazer, envolvendo o complexo reconhecimento de termos da área jurídico-ambiental, que nasceu muito do que aprendemos sobre Terminologia e Terminografia. É também interessante registrar que optamos por empregar o termo Terminografia ao invés de Lexicografia Especializada, já que não víamos diferenças conceituais e práticas. Entretanto, seguimos uma proposição de Alain Rey de falar em Terminografia, quando os termos técnicos se tornam objeto de aplicações dicionarísticas (REY, 1979).

Por outro lado, o envolvimento com o tratamento terminológico nos levou a conceituar a Terminografia não só como uma atividade puramente pragmática, mas também como um estudo sobre os termos já que nem tudo pode ser estabelecido *a priori* (KRIEGER; MACIEL; FINATTO, 2000). Em paralelo, muitas questões de tradução se impuseram na proposição dos equivalentes dos termos, compondo o trabalho terminográfico bi e multilíngue.

Para a realização dessas tarefas, construídas passo a passo, contamos com inúmeros parceiros, a iniciar pelos nossos bolsistas de Iniciação Científica UFRGS, CNPq e FAPERGS, cujas contribuições à operacionalização dos trabalhos foram imensuráveis. Nos passos da

operacionalização, não posso deixar de lembrar que iniciamos a pesquisa terminológica nos tempos do papel, das fichas terminológicas escritas todas à mão. Mais ainda, era preciso buscar *in loco* os documentos de que precisávamos. Tratava-se de encontrar os textos das leis na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, na Faculdade de Direito da UFRGS, entre outras possibilidades. Não se vivia, portanto, o tempo do “clique”, da virtualidade atual, nem tampouco a informação era organizada. Nossos bolsistas efetivamente trilharam e andaram por muitos caminhos na busca dos documentos que deviam integrar nosso *corpus* de análise. No conjunto dos textos legais, e debruçados sobre os Diários Oficiais da União e do Estado do Rio Grande do Sul, marcávamos, manualmente, os candidatos a termo, discutidos um a um em nossas reuniões semanais.

Por tudo isso e pela efetiva contribuição reflexiva à pesquisa, costumo dizer em relação à Iniciação Científica que a ciência brasileira muito deve aos “aprendizes de feiticheiro”. Em geral, esses jovens estudantes auxiliam a reconhecer a necessidade de corrigir rumos, seja para a obtenção dos resultados pretendidos, seja ainda porque os questionamentos e os impasses metodológicos, próprios do dinamismo e da essência da investigação criativa e aplicada, exigem o redirecionamento dos projetos iniciais.

No rastro de reconhecimento das contribuições essenciais, salienta-se a dedicação de Glades Dilelio Noble, Bolsista de Apoio Técnico (CNPq) no mais amplo sentido do termo. Mais tarde, o grupo foi se ampliando com a participação de mestrandos e doutorandos, muitos dos quais já haviam sido bolsistas de Iniciação Científica.

O trabalho com a pesquisa aplicada de Terminologia nos ocupou por muito tempo, mas não nos impediu de realizar outras atividades complementares aos encargos docentes e ao fazer científico. No primeiro caso, lembro que Anna Maria Becker Maciel e eu “introduzimos” a disciplina de Terminologia no novo currículo de Letras, ou melhor, no curso de Bacharelado em Letras - Tradução. Projetamos dois semestres de Terminologia, um de fundamentos e outro aplicado, para integrar o novo currículo, o que veio a ser colocado em prática no ano de 1995. Se fomos responsáveis pela introdução da disciplina no currículo, nossas jovens colegas souberam estabelecer e dimensionar a pedagogia da Terminologia em sua implementação.

Ouso também dizer que a repercussão sobre o curso de Tradução foi muito positiva, já que a prática tradutória leva os profissionais da área a reconhecerem, mais facilmente, a importância da Terminologia nas comunicações especializadas e a consequente relevância de sua adequada tradução. Para além do reconhecimento dos termos como núcleos cognitivos da comunicação profissional e do exame de suas formas de comportamento, a disciplina de Terminologia foi também determinante da introdução de ferramentas informatizadas como apoio às práticas de aprendizagem tradutória.

O contato com os estudos terminológicos em nosso meio – e não tem sido diferente em outros lugares – impulsionou a Terminologia a refletir sobre questões como a própria constituição sintagmática dos termos em diferentes línguas e as dificuldades de equivalência terminológica. O reconhecimento dessas dificuldades constituiu-se em temas de artigos, dissertações e teses de nossos alunos, cujas concepções contrariaram a ideia estabelecida de que a tradução técnica é linear, bastando encontrar as correspondências terminológicas sempre diretas e inequívocas.

Em paralelo, houve um “aceleramento” informatizado no Instituto de Letras, tendo o Termisul auxiliado a programar a rede informática do Instituto. Mais uma vez, Anna Maria Becker Maciel, com os bolsistas da Informática, prestou uma grande colaboração para que a rede fosse adequadamente dimensionada. Isso não ocorreu por acaso, mas porque sua cabeça sempre foi informática, o que impulsionou a precursora trajetória de usos computacionais nas pesquisas terminológicas em nosso meio. Esse auxílio explica-se porque, já naquele período, o Termisul vislumbrava o aproveitamento do potencial de uso dos equipamentos informáticos, visando ao apoio de todos os passos da pesquisa.

É bom lembrar que falamos de um tempo “antigo”, do início dos anos 90 do século passado, quando o Instituto de Letras dispunha de três computadores, um em cada Departamento, e ainda dois na Secretaria. Em razão de seu tamanho menor, o Departamento de

Linguística e Filologia nos cedia algumas horas para os primeiros registros das informações que viriam a compor nossa base de dados terminológicos, que deu origem ao BDT Termisul. Nas próprias palavras de Anna Maria Becker Maciel:

Iniciando as atividades dos anos 90, a poucos passos do terceiro milênio, o TERMISUL não poderia ignorar o relacionamento da Terminologia, Terminografia e informática. Embora carecendo de equipamento próprio e assistência especializada na área tecnológica, a equipe do projeto ousou penetrar num mundo que lhe parecia ficção científica e enfrentar o desafio de trabalhar como aprendiz de feiticeiro (MACIEL, 1993, p. 136).

Por nos sentirmos iniciantes no enfrentamento do trabalho em Terminologia, buscamos o apoio e a experiência de nomes reconhecidos na área tanto no Brasil como no exterior. Promovemos cursos e conferências com nossos convidados, como Maria Teresa Biderman (1991), Francisco Borba (1992/3), Enilde Faulstich (1992), Otto Vale (2008), Antônio Berber Sardinha (2003). Do exterior, vieram Félix Mayer (1991), Jean-Claude Gémard (1992), Maria Teresa Cabré (1995), Gerhard Budin (1996), Alain Rey (1999), Rosa Estopà (2000), André Clas (2001), Carlos Maciel (2002), Gaston Gross (2005), Sylvie Vandaele (2009), Guiomar Ciapuccio (2001, 2009). Contamos também com visitas de Daniel Prado, responsável pela Direção de Terminologia da União Latina. Igualmente, passamos a receber, para breves estágios, pesquisadores e estudantes de outras universidades do Brasil e do Mercosul, o que veio a enriquecer nossa trajetória.

O círculo das relações foi ampliando-se de tal forma que me pareceu adequado propor que a coleção *As Ciências do Léxico* – publicação de nosso Grupo de Trabalho em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia (GTLex), integrante da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) – iniciasse as seções dedicadas a cada uma das três especialidades com artigos de pesquisadores estrangeiros. Com plena aceitação, essa inclusão somou-se aos textos dos membros do nosso GT, constituindo obras de alcance maior, contendo o desenvolvimento de importantes temas sobre o léxico e suas diferentes perspectivas também em âmbito internacional. Tudo isso favoreceu a leitura, sobretudo para nossos alunos de Pós-Graduação. A facilidade não advém da tradução em língua portuguesa, já que estes são competentes em línguas estrangeiras, mas para que os alunos e mesmo os professores tivessem acesso a obras nacionais permeadas de artigos de interesse à pesquisa do léxico, independentemente de posições teóricas assumidas. Várias outras publicações se seguiram de responsabilidade de membros do TERMISUL, o que muito contribui para a consolidação de uma literatura nacional sobre vários ângulos da Terminologia teórica e aplicada.

De longa data, vêm também as preocupações com a Pós-Graduação. Apesar da “novidade” que representava a Terminologia, especialmente nos anos 90, ela foi ganhando espaço e respeitabilidade, junto com a Lexicografia. Na verdade, esta última disciplina foi a porta de entrada para os estudos terminológicos que vieram mais tarde. Tanto a Lexicografia quanto a Terminologia, em seu início e por muito tempo, integraram a área de Estudos do Texto e do Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. A relação com esses estudos justifica-se porque a concepção de dicionário como texto e não como pura listagem, seja de palavras, seja de termos, esteve na origem das proposições que marcaram as orientações desenvolvidas sob minha responsabilidade.

Nesse caminho, alargou-se unanimemente no grupo a compreensão das relações intrínsecas entre léxico e texto. Tal alargamento evidenciou sua produtividade, porque possibilitou o desenvolvimento de aspectos teóricos e de soluções metodológicas importantes, envolvendo tanto o plano do reconhecimento de termos, quanto o dos enunciados das definições terminológicas.

Apesar de adotarmos comumente o fundamento epistemológico das relações entre léxico e discurso especializado, nem sempre compactuamos dos mesmos pontos de vista sobre os fenômenos e objetos terminológicos. Essa ordem de divergências, representando autonomia de pensamento, são próprias e salutares a todo ambiente reflexivo, resguardando-se o cuidado de

não esquecer que a mudança de rumos e a adoção de novos focos de interesse não trazem obrigatoriamente consigo a negação dos valores antigos.

A referência a toda essa diversidade de atuações e aos nomes antes mencionados justifica-se, especialmente, porque não há história sem personagens. São 20 anos que ensejam esta narrativa sobre os passos iniciais e basilares de um projeto de pesquisa que alcançou identidade própria e respeitabilidade no seu fazer investigativo.

Se é possível resumir essa identidade, entendo que sua essência está em alguns focos, que destaco no caminho da conclusão:

- a) a coragem de aceitar desafios, sem medo de adentrar num novo campo de saber;
- b) a busca incessante de conhecimento e de determinação de princípios teóricos e aplicados da pesquisa científica;
- c) a abertura de caminhos pelas ações típicas da vida universitária, fazendo ensino, pesquisa e extensão;
- d) a publicação de obras terminográficas de interesse social;
- e) a colaboração à construção da área/disciplina de Terminologia traduzida por meio de publicações tanto sobre temáticas pertinentes ao campo terminológico, como por meio da formulação de proposições inovadoras que interseccionam campos de saber de importância para o avanço dos estudos e aplicações terminológicas.

Esses focos, intimamente inter-relacionados na história e na memória do Termisul, podem ser também compreendidos à luz da afirmação de Maria Teresa Cabré de que:

[...] os domínios do saber – a terminologia não é exceção – nascem, se definem e ganham precisão em função de fatores sociais e políticos existentes nos contextos que favoreceram sua emergência, e que são fatores que explicam as diferentes maneiras de abordar um objeto científico (CABRÉ, 2007, p. 79).

Embora não pretenda retomar em pormenor os pontos fulcrais de nossas proposições, também não há por que não salientar que o fazer científico do Termisul contribuiu para a consolidação dos estudos terminológicos. Vale guardar na memória que a identidade científica do grupo vincula-se, muito pioneiramente, à compreensão de que as unidades lexicais e as fraseologias especializadas definem seu estatuto terminológico pela relação com os universos de discurso e os propósitos das comunicações especializadas. (BEVILACQUA, 1996; MACIEL, 2001; KRIEGER, 2002).

Nessa linha de inovações, relembro que os estudos pioneiros sobre definição terminológica passaram a invocar a perspectiva enunciativa para dar conta desse tipo de enunciado definatório (FINATTO, 2001). A definição era antes considerada como expressão maior de objetividade científica, portanto, sem traços subjetivos. De resto, vigorava a crença na objetividade plena das terminologias, bem como na exclusividade e na plena fixidez dos termos técnico-científicos.

Tais concepções, norteadoras de nossas pesquisas, expressam a face linguística da Terminologia que praticamos desde o início. E isso se deu no transcurso de desenvolvimento de um campo de conhecimento que alterava seus paradigmas epistemológicos. Na última década do século XX, a Terminologia deixa de privilegiar fundamentos prescritivos e normativos em favor de uma abordagem norteada por postulados linguísticos. Nossa história não apenas mostra, como traz evidências de que contribuimos para alicerçar a epistemologia da Terminologia com nossas proposições que, desde sempre, foram de caráter linguístico e textual.

Em síntese, nossas proposições de base estão relacionadas à integração de componentes de textualidade e da discursividade no aparato teórico-metodológico da Terminografia que praticamos, porque a entendemos como um estudo sobre os termos. Com essa mesma perspectiva de que léxico e texto especializado implicam-se mutuamente, o que nos levou a falar em Terminografia Textual, (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.55) fomos levados à observação da natureza e à descrição do comportamento das terminologias em seus reais contextos de ocorrência, permitindo-nos concordar com Alain Rey que: “Na origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da terminologia, encontra-se toda a reflexão

sobre a linguagem e o sentido” (REY, 1979, p.3).

Mesmo com um olhar mais distante, porque 20 anos nos separam do desafio inicial, o que pode prejudicar a memória, tentei contar o percurso histórico do Termisul referente ao tempo que dele participei diretamente. Como disse no início, essa narrativa não é, e não poderia ser, isenta de subjetividade. Outras vozes e outras fases se sucederão, certamente perpassadas por ações e passos mais modernos e tecnológicos, mas que hão de se somar ao alicerce de reflexões e de realizações construído por força de uma inegável conjunção dos esforços.

Em razão disso, sou levada a reiterar a lembrança de um modo de ser e de agir do grupo, o que explica muito do trabalho conjunto que realizamos. Trata-se de lembrança porque já referida em nossa publicação *Temas de Terminologia* (KRIEGER; MACIEL, 2001). Esta foi uma obra publicada como um marco de nossos 10 anos de atividades e que reuniu nossos artigos principais, organizados em temas, de modo a refletir o percurso desse intervalo de tempo. Lá, já estava escrito:

O renomado escritor argentino Bioy Casares, ao avaliar sua produtiva parceria com Jorge Luís Borges, disse que a condição para que um trabalho conjunto se realize com resultados é resultante da capacidade de entender que nem sempre a compreensão dos fatos chega a todos, igualmente, na mesma hora (KRIEGER; MACIEL, 2001, p. 17).

Sem dúvida, foi a soma de muitas compreensões, mesmo em diferentes momentos, que nos permitiram e ensinaram a busca incessante das fronteiras do conhecimento sobre as terminologias, seus distintos lócus e seus modos de realização. De outras formas e com outros princípios, é uma busca que permanece viva no Termisul.

BIBLIOGRAFIA

- CABRÉ, Maria Teresa. La terminologie, une discipline en évolution: le passé, le présent et quelques éléments prospectifs. In: L'HOMME, Marie-Claude; VANDAELE, Sylvie (Orgs.). *Lexicographie et terminologie: compatibilité des modèles et des méthodes*. Ottawa: Presses de L'Université de Ottawa, 2007. p. 79-109.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. *A fraseologia jurídico-ambiental*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 1996.
- FINATTO, Maria José Bocorny. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre: 2001.
- KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (Orgs.). *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: UFRGS/Humanitas/USP, 2001.
- KRIEGER, Maria da Graça. Terminologie juridique et spécificités textuelles. *Meta*, Montréal, v.47, n.2, p.233-243. 2002.
- KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker; FINATTO, Maria José. Terminografia das leis do meio ambiente: princípios teóricos e metodológicos. *TradTerm*. São Paulo, n.6, p.143-169, 2000.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José. *Introdução à Terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker; FINATTO, Maria José Bocorny; RAMOS, Patrícia Chittoni. *Glossário Multilíngue de Direito Ambiental Internacional*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- KRIEGER, Maria da Graça; BECKER MACIEL, Anna Maria; FINATTO, Maria José Bocorny; BEVILACQUA, Cleci Regina; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. *Glossário de Gestão Ambiental*. São Paulo: Disal, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça; BECKER MACIEL, Anna Maria; CARVALHO ROCHA, João Carlos; FINATTO, Maria José Bocorny; BEVILACQUA, Cleci Regina. *Dicionário de Direito Ambiental*: terminologia das leis do meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

MACIEL, Anna Maria Becker. Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

REY, Alain. *La terminologie*: noms et notions. Paris: PUF, 1979.

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. *Neologismos Lacanianos e Equivalências Tradutórias*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2001.